

Plano em defesa da vida e do bem viver para a Juventude Negra Viva



» ANIELLE FRANCO — Ministra da Igualdade Racial
» MÁRCIO MACÉDO — Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República

Quando Mano Brown entoava os versos dos Racionais MCs, cantando o negro drama de viver, ele afirma preferir contar uma história real. Nós também. E denunciar o sofrimento cotidiano exige alinhamento com a luta constante para transformar a realidade de dor e abandono a que o povo negro tem sido relegado ao longo de séculos.

É para construir uma nova história para as juventudes negras do Brasil, com dignidade e condições para o pleno desenvolvimento de todo o potencial dessas brasileiras e brasileiros, que lançamos hoje o Plano Juventude Negra Viva (PJNV). São diferentes tipos de ações de 18 ministérios do Governo Federal. Um investimento de mais de R\$ 600 milhões. Esse já é o maior pacote de políticas públicas para a juventude negra do Brasil, um grande compromisso de todo o governo.

A foco é reduzir as vulnerabilidades que afetam de maneira desproporcional a vida e o bem viver de jovens negros. O Plano de Ação traz 43 metas e 217 ações que compõem o pacote de políticas, com 11 eixos temáticos com objetivo de expandir a potência dessa vida jovem, garantindo não só o direito de existir, mas poder sonhar com um futuro de infinitas possibilidades.

São eixos o acesso à justiça e segurança pública; promoção da saúde; geração de trabalho,

emprego e renda; educação; cultura; ciência e tecnologia; esportes; meio ambiente, direito à cidade e valorização dos territórios; fortalecimento da democracia; assistência social; e segurança alimentar e nutricional.

O Plano Juventude Negra Viva é o ponto de partida. Ele é fruto de um trabalho intenso de um grupo interministerial, liderado pelos Ministérios da Igualdade Racial e Secretaria-Geral da Presidência da República, que ao longo de 2023 realizou a escuta de mais de 6 mil jovens, nas Caravanas Participativas da Juventude Negra nos 26 estados do país e no DF, e também de um minucioso levantamento de dados para a construção de indicadores.

O envolvimento de 18 ministérios nesta tarefa demonstra que o governo federal assumiu, com coragem, a responsabilidade de enfrentar esse problema estrutural com a contribuição fundamental da participação do nosso povo, com a intenção de gerar oportunidades e direitos para nossa juventude.

É por isso que as caravanas marcam a construção da política, em parceria com a própria juventude negra. Sistematizamos os depoimentos, sugestões, críticas, ponderações, gerando para o governo um rico relatório da realidade cotidiana que já conhecíamos pelas nossas próprias experiências e pelos dados que confirmam

a precarização dessas vidas.

A evasão escolar para poder trabalhar, assumir responsabilidades familiares ou por dificuldades econômicas; o desemprego e a informalidade - que chega a 56,3% entre a juventude negra - além das noticiadas taxas de mortalidade de jovens negro, que foi 6,5% maior que a taxa nacional entre 2012 e 2019, mostram de forma incontestável essa vulnerabilidade.

Todo jovem negro necessita ter assegurado o direito básico de ir e vir sem ser confrontado, acessando oportunidades de saúde, educação, cultura, trabalho e lazer. Cuidar da juventude significa valorizar o presente e permitir que ela siga contribuindo para o desenvolvimento do país, na economia, nas ciências, na cultura.

Hoje também celebramos o Dia Internacional contra a Discriminação Racial e há exatamente um ano anunciamos a formulação deste Plano Juventude Negra Viva. É gratificante avançar nesta agenda, compromisso central desta gestão: olhar com respeito para a diversidade das juventudes e construir, de mãos dadas com elas, novas e inspiradoras realidades.

Nossa agenda reflete as lutas e formulações políticas que nos antecederam. Muitos batalharam para que possamos cantar com os Racionais MCs as lutas diárias, mas sobretudo uma vida plena para a juventude negra.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Hora de agir

Segundo lição aprendida por aqueles que tiveram treinamento em guerra de selva, talvez o mais traiçoeiro e mortal de todos os combates, é preciso ficar muito atento aos movimentos do inimigo em seu raio de ação. Assim é dito e repetido: “Se o inimigo avança, nós recuamos. Se o inimigo recua, nós avançamos. Se o inimigo para, nos aquietamos”.

Como numa caçada ao rato, toda estratégia e todo artil são necessários para pegá-lo no momento exato. Por certo, as forças de segurança conhecem essas lições. O problema aqui é que o inimigo, nesse caso aqueles que infernizam, dia e noite, a maior parte da área central da capital, continua a praticar os crimes de roubo, assalto, tráfico de drogas e outras delinquências, transformando essa parte da cidade numa verdadeira selva, habitada por feras de todas as espécies.

A insegurança e o medo são os sentimentos comuns a todos que são obrigados a transitar pela Rodoviária do Plano Piloto e por boa parte da extensa área que circunda essa região. O enorme perímetro urbano, no sentido Leste/Oeste, abrangendo desde a Catedral até ao Centro de Convenções e no sentido Norte/Sul englobando os Setores comerciais e bancários, está, literalmente, tomados por marginais e moradores de rua, que não só perderam o medo de polícia e da prisão, como fazem questão de afrontá-los, certos da impunidade e da pouca efetividade da Justiça.

Também o estado de euforia e coragem, induzido pelo consumo de drogas, dá a esses marginais o falso sentimento de poder e destemor, o que complica, ainda mais, toda essa situação.

Um levantamento elaborado pelo Observa-DF, pesquisa vinculada à Universidade de Brasília (UnB), indica que mais de 60% da população percebem aumento da criminalidade no DF. A pesquisa aponta para a mudança de comportamento vinculada ao medo. Especialistas no assunto já recomendaram aos órgãos de segurança que estabeleçam, na própria Plataforma da Rodoviária, o amplo e moderno centro de monitoramento fixo, com câmeras de última geração, para servir como central de comando e coibir o avanço da criminalidade. O que esses especialistas acreditam é que, tendo a Rodoviária como centro de comando diuturno dessas operações, cobrindo um raio de aproximadamente 5 Km, toda essa região possa voltar a ficar em paz e sobre o controle das forças de segurança, permitindo que essa área, tão nobre da capital, recupere esses espaços para os cidadãos pagadores de impostos.

É preciso lembrar ainda que o abandono de inúmeros imóveis, inclusive prédios inteiros, contribui para a criação de espaços fantasmas, que são imediatamente ocupados por moradores de rua e desocupados em geral. Nesse ponto, é preciso ressaltar também que o Teatro Nacional, talvez a obra mais importante da capital, do ponto de vista cultural, por sua situação de completo abandono, é mais um motivo para o processo de decadência dessa região.

Não custa chamar a atenção para o fato de que essas áreas são ainda o cartão de visita de Brasília, visitado por inúmeros turistas, que enxergam essas paisagens apenas pelas janelas dos ônibus fretados. Não por outra razão, os hotéis alertam aos que chegam à cidade para não andarem sozinhos, não portarem joias e bolsas chamativas, não saírem à noite, evitar tomar táxis e outros transportes alheios ao hotel, entre outras precauções. Todo o cuidado é pouco para circular na área central da capital, tornada agora uma região inóspita. Uma verdadeira selva urbana.

» A frase que foi pronunciada

“Entenda, nossos policiais colocam suas vidas em risco por nós, todos os dias. Eles têm um trabalho difícil a fazer para manter a segurança pública e responsabilizar aqueles que infringem a lei.”

Barack Obama

Grande alcance

» Vereadores podem contar com um novo trabalho produzido no Interlegis, do Senado. O modelo de Lei Orgânica para as câmaras municipais será apresentado na Oficina de Marcos Jurídicos, um dos minicursos oferecidos para capacitar e otimizar o trabalho das casas legislativas em todo o território nacional.

Uma pena

» Brasília não conta mais com o delicioso croissant da padaria Portuguesa, na 509 Norte. Vidros automotivo São Cristóvão também não conseguiu se manter com tamanha carga tributária. Aos poucos, o comércio tradicional da cidade vai desaparecendo.

» História de Brasília

O avião do dr. João Goulart, para o voo direto Brasília-Washington, foi reabastecido em Brasília. Com o peso do combustível o avião baixou demais sobre os calços, e ninguém conseguiu tirá-los. (Publicado em 04.04.1962)

O impacto silencioso do burnout nas empresas

» LUDMILA ELIAS TEIXEIRA
Psicóloga, terapeuta cognitiva-comportamental e programadora neurolinguista

Síndrome de burnout, ou também conhecida como síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico causado pela exaustão extrema, sempre relacionada ao trabalho de um indivíduo, porém ela também o afeta em nível pessoal. Essa síndrome é um distúrbio emocional, que envolve primeiramente a saúde mental e que, a longo prazo, pode trazer sintomas físicos ao indivíduo.

É importante enfatizar que o diagnóstico da síndrome de burnout é realizada a partir de um diálogo feito por um psicólogo ou psiquiatra, no qual é avaliado o histórico, o relato e a relação do paciente no ambiente de trabalho. E o tratamento é feito por meio de medicamentos, acompanhado mensalmente pelo psiquiatra, e terapia semanal com um psicólogo, quando o indivíduo aprenderá a entender suas próprias emoções, ressignificar alguns hábitos, técnicas de respiração, aprender a observar os sinais que seu corpo dá antes de qualquer crise, entre outros... a fim de evitar a recorrência da síndrome e até mesmo a piora.

Um dos principais impactos do burnout nas empresas é a redução da produtividade. Funcionários que estão acometidos por essa síndrome, muitas vezes, experienciam uma falta de motivação e incapacidade de concentração, queda na qualidade do trabalho, levando a prazos perdidos, erros frequentes e um ambiente de baixa eficiência no trabalho. E assim, aumentando o absenteísmo, o número de funcionários afastados por atestado e, conseqüentemente, aumentando os custos de treinamento para substitutos, rotatividade de funcionários,

impactando financeiramente nas empresas.

Esse estresse crônico no ambiente de trabalho tem se tornado uma preocupação cada vez mais latente nas empresas. Profissionais que estão sofrendo com a síndrome de burnout tendem a ser mais impacientes, insatisfeitos e até mais irritados, o que pode acometer um ambiente de trabalho mais hostil, negativo e tenso entre os membros da equipe. Toda essa pressão, ansiedade e nervosismo é o resultado direto do acúmulo excessivo de estresse, de tensão emocional e de trabalho, afetando tanto o indivíduo quanto a organização como um todo. Infelizmente, o burnout se tornou uma epidemia silenciosa no ambiente corporativo, trazendo enormes prejuízos em termos de produtividade, qualidade e retenção de talentos.

Diante desse cenário, seria de extrema importância as empresas desenvolverem estratégias e investir na prevenção da saúde mental de seus funcionários. Adotar uma cultura organizacional mais proativa e que valorize o bem-estar e a saúde mental de seus colaboradores, provendo um ambiente de trabalho mais saudável, como, por exemplo: oferta de programas de gerenciamento de estresse, acesso a recursos de saúde mental, apoio psicológico, treinamento para gestores sobre como identificar e apoiar funcionários que estão lutando contra essa condição, oferecer treinamento em inteligência emocional e técnicas de gestão de estresse, criação de um ambiente de trabalho que incentive a comunicação aberta e o suporte mútuo. Devemos estimular uma cultura que valorize a

escuta empática e o respeito à individualidade. Assim, os colaboradores desenvolvem habilidades para lidar melhor com as pressões e as demandas do dia a dia corporativo e também para uma melhor conscientização de seus colaboradores, visando aumentar a compreensão e a empatia em relação a essa condição.

Outra estratégia importante seria as empresas realizarem uma flexibilização de horários, adoção de trabalho remoto em algumas atividades e a redistribuição de tarefas, visando reduzir a sobrecarga de trabalho e o estresse dos colaboradores. Além disso, empresas que investem em programas de tratamento psicológico demonstram um compromisso genuíno com o bem-estar de seus funcionários, fortalecendo a lealdade e a satisfação dos colaboradores e também, pode atrair mais talentos, criando uma reputação positiva no mercado de trabalho.

Em última análise, o impacto do tratamento psicológico para indivíduos com burnout nas empresas é multifacetado e abrangente. Desde a redução do absenteísmo até a promoção de ambientes de trabalho mais saudáveis. Reconhecer e abordar a síndrome de burnout não apenas beneficia os indivíduos, mas também pode levar a uma cultura organizacional mais positiva, maior engajamento dos funcionários e melhores resultados para a empresa, fortalecendo as organizações em sua totalidade. Portanto, investir em medidas preventivas e criar um ambiente de trabalho saudável e acolhedor são passos essenciais para garantir o sucesso e a sustentabilidade do negócio a longo prazo.